

Visado  
pela Comissão  
de Censura

# Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -  
Número avulso  
25 centavos

Redacção e Administração  
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)  
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

## O Alferes barcelense

(Transcrição)

Publicação de A. Ferraz

A páginas 57 do livro, já hoje raro, «*Tratado panegyrico em louvor da Vila de Barcelos*» (1672), de Fr. Pedro de Poyares, diz o seu autor:

«—E já que falei na honrada morte de Nuno Gonçalves (referencia ao famoso alcaide do castelo de Faria), he forçado tocar a nobre, e generosa morte de hum Barcelense, que indo por soldado, e Alferes no exercito del Rey D. Sebastião, quando passou a Africa, o qual defendeo cõ valor sua bandeira até lhe cortarem as mãos, e sendo-lhe cortadas, pegou com os dentes na bandeira, e não a largou, sem primeiro largar a vida... Este valente Alferes não sómente era de Barcellos, como vi provado em autos, que se processaram na Vila de Vianna, entre dous homens nobres, hum nascido em Vianna, outro nascido em Barcellos, mas casado, e morador em Vianna».

O mesmo refere, entre outros autores, o Abade do Louro, a pag. 51 da sua «*Memória Histórica de Barcelos*».

Feito identico relatam as nossas crônicas, succedido na batalha de Tóro (maio de 1476) com o celebre alferes de D. Afonso V, Duarte de Almeida—o *Decepado*.

Infelizmente, nenhum dos outros acima citados nos rebelou o nome do heroico barcelense, nem mesmo nos deixou qualquer pequena indicação pela qual fosse possível descobri-lo. E' certo que Fr. Pedro Poyares, dizendo que o Alferes barcelense pertencia á familia dos Barcelos, como ele proprio vira provado em documentos de toda a autenticidade, parecia ter indicado o caminho mais seguro e mais directo para a averiguação do seu nome.

A verdade, porém, é que, consultados por nós alguns dos mais conceituados nobiliarios, onde a familia de Barcelos vem tratada com grande desenvolvimento, nada conseguimos saber, porque em nenhum se nos deparou a mais ligeira referencia ao Alferes barcelense.

Não disistimos, contudo, do intento, que para nós tinha o maximo interesse, e proseguimos com perseverança nas nossas investigações.

Na lista dos fidalgos portugueses mortos em Alcacer Quibir, publicada por Diogo Barbosa Machado, nas «*Memórias de El-Rey D. Sebastião*»—Liv. 2.º, cap. XVII, n.ºs 107 e 108, não vem mencionado o nome de nenhum barcelense; mas atendendo a que este autor, publicando aquella relação, nada mais pretendia do que salvar do esquecimento os nomes dos principais fidalgos portugueses falecidos nesta louca e tunesta campanha contra Marrocos, é claro que outros lá deviam ter perecido, cujos nomes, por menos conhecidos na corte, não foram nela incluídos.

E' positivo que em Africa estiveram nessa ocasião alguns barcelenses, muito illustres e conhecidos na provincia do Minho, e que todos, ahí perderam a vida em defesa da patria, como vemos confirmado não só em documentos de incontestada autenticidade, mas até pelo testemunho de escritores respeitáveis. Dos seguintes temos nós conhecimento:

*Henrique Pinheiro Lobo de Lacerda*, senhor da casa dos Pinheiros de Barcelos e casado com D. Isabel Azavedo e At. yde.

*Manuel Felgueira Goyo*, senhor da Casa de Fervença e companheiro de el-rei D. Sebastião na infeliz jornada d'África, como consta de documentos pertencentes ao arquivo da mesma Casa de Fervença.

E' certo que nestes documentos, que compulsamos, não se diz que Manuel Felgueira Goyo, morrera, mas sim que ficara captivo na batalha de Alcácer; é, todavia, probabilissimo que não se eviesse ao terrível desastre, porque, sendo o filho primogenito de Antonio Martins Goyo e de sua mulher D. Maria Felgueiras Valadares, e devendo, por este motivo, succeder em toda a casa vincular de seus pais, não foi ele o sucessor, mas sim seu irmão immediato João Felgueiras Goyo.

Tambem lá faleceu Gaspar de Góis do Rego, natural da vila de Barcelos, senhor dos morgados de Moreca e Góis, cavaleiro da casa de Bragança, a cujo serviço esteve.

E, finalmente, *Estevam Pinheiro Lobo* e seu irmão *Cristovam Pinheiro*, filhos de Simão Pinheiro Lobo, 1.º administrador do morgado de Pindela, e de sua mulher D. Leonor de Almeida Benevides de Mendanha.



Nossa Senhora da Franqueira

Tinhamos as mais prendadas esperanças nestes nomes, porque um deles devia ser, provavelmente, o do celebre alferes de que nos fala o autor do «*Tratado panegyrico*».

E, como Gaspar de Góis do Rego residiu por esse tempo em Vila Viçosa, era parente, pelo seu casamento, dos duques de Bragança e estava ao serviço, sendo deles muito estimado, para ele era especialmente solicitada a nossa atenção.

Faltava-nos, porém, uma prova de que Gaspar Rego fosse o alferes das hostes que, sob o comando de D. Jaime, filho dos duques de Bragança, acompanharam el-rei D. Sebastião á Africa.

Não perdemos de vista o interessante assento e esperamos confiados em que o tempo nos desvendasse o mistério, tornando conhecido esse nome glorioso.

Efectivamente, decorridos alguns anos, tivemos a confirmação, plena do nosso pre-entimento. Lendo casualmente um velho manuscrito, que foi do falecido 1.º conde de Azavedo e hoje pertence a seu sobrinho e nosso querido amigo José de Azavedo e Meneses, distincto homem de letras, lá encontramos a almejada revelação.

Esse manuscrito é o «*Nobiliario do Abade de Emeriz*», em seis volumes in-fol., que no tit.º de Regos Barretos de Barcelos, falando de Gaspar de Gues do Rego, diz:

«Foi cavaleiro da Casa do Duque de Bragança e seus alferes da bandeira em Alcacer, onde morreu, tendo-lhe o Duque dado a comenda de Sta. Olyza desmembrada da do Rabal em terra de Bragança, a 26 de Março de 1577.

Esta lconica mas preciosa nota do «*Nobiliario do Emeriz*», iluminou de tal modo o nosso espirito, que de-de logo ficamos sabendo que o Alferes barcelense era nem mais nem menos do que o Gaspar de Gues do Rego, casado com D. Maria Tavares, filha natural de D. Fulgencio de Bragança.

Conhecido o nome do esforçado barcelense, é empreza facil agora precisa-lhe a naturalidade e filiação, porque todos os nobiliarios o dizem.

Nasceu em Barcelos e foi o filho primogenito de Antonio do



## O Evangelho

*Jesus disse aos fariseus esta parábola: Certo homem fez uma grande ceia e convidou a muitos, e mandou os seus servos à hora da ceia dizer aos convidados que viessem, pois tudo estava já preparado; mas cada qual começou a desculpar-se; o primeiro disse: comorei uma quinta preciso ir vê-la; desculpa-me. Outro disse: comprei cinco juntas de bois, vou experimentá-los; desculpa-me. E um terceiro: casei não posso ir. Voltando o servo, contou tudo ao seu senhor. Então irado, o pai de família disse ao seu servo: Vai depressa pelas praças e ruas da cidade; e pobres, e doentes, e cegos e coxos, todos manda entrar. O servo assim fez, e disse depois: Senhor está feito como mandas e ainda há lugar. Disse então o senhor: Vai pelas estradas e caminhos; compêl-os a entrar, para que se encha a minha casa. E Jesus terminou: Eu vos digo também que nenhum daqueles homens que primeiro chamei provará a minha ceia.*

### A grande ceia mística

*Certo homem fez uma grande ceia e convidou a muitos.*

A formosa parábola que nos refere o Evangelho de hoje, contém para nós proveitíssima e consoladora doutrina, que nos há de servir de grande alento e esperança.

Compara Nosso Senhor Jesus Cristo toda a obra da Igreja Católica a uma grande ceia que fez o poderoso senhor, e para a qual convidou a muitos; mas tendo-se estes negado a concorrer a ela, um dos criados foi mandado a todas as ruas e praças a convidar quantos encontrasse, para substituir os primeiros que se tinham tornado indignos do convite.

E tendo cumprido a ordem, o criado veio dar conta da sua missão: *Senhor, está feito como mandaste, e ainda há lugar* (Luc., XIII, 22). O Senhor ordena-lhe então que fosse pelos caminhos e cercados a chamar a todos, para que se enchesse a sala do banquete.

Representa-se aqui a vocação dos gentios à fé, e a obra apostólica dos sacerdotes e de quantos têm zelo pela glória de Deus, cuidando em trazer almas para a Igreja e de as dispor para o céu. Fixando este ponto, afirmo que devemos trabalhar na salvação das almas, com a ideia na ceia mística, empregando os meios ao nosso alcance.

I.— Se reflectirmos atentamente no Evangelho de hoje, acharemos tres classes de vocações, que Deus dá, correspondentes a tres ordens de ceias místicas ou espirituais: a ceia da verdade, a ceia eucarística, e a ceia beatífica; e de todas ellas pode dizer-se como disse o criado da parábola: *E ainda há lugar para muitos.*

#### 1.— A ceia da verdade.

A verdade é o alimento da alma, pois esta nada deseja com mais veemência, do que a verdade, diz Santo Agostinho, e o desejo é a fome do espirito. Se isto se pode afirmar da verdade natural e fragmentária, tal como chega a conhecê-la por si mesmo o nosso limitado entendimento, quanto mais o devemos dizer da verdade revelada por Deus e ensinada por Nosso Senhor Jesus Cristo?

Este é o manjar espiritual que se serve nas mezas do Evangelho, ao qual se referem as parábolas das bodas e ceias; pela verdade seguiam ávidos os bons israelitas a Jesus, esquecendo-se até do sustento do corpo, e nela encontram as almas inocentes o seu mais delicioso manjar, que lhes sabe a vida eterna.

Mas *ainda há lugar* para muitos: ainda há infieis que chamar a este banquete da doutrina

na evangélica; ainda há herejes que consideram este alimento como falso e envenenado; ainda há católicos que se retráem de ouvir a palavra de Deus e não entram nas igrejas para ouvir as pregações e as lições do catecismo.

A caridade com estas almas e o amor a Jesus Cristo obrigam-nos a que procuremos por toda a parte gente para este convite.

#### 2.— A ceia eucarística.

Ceia se chama também, e o é na realidade, o banquete eucarístico, onde se comunga o Pão dos anjos, o mesmo Jesus Cristo, occulto sob os accidentes do pão: *Eu sou o pão vivo que desci do céu; quem comer deste pão viverá eternamente* (Joan., VI, 51, 57).

Esta é a ceia que nos prepara a celestial Sabedoria no seu régio palácio, que é a Igreja Católica, dizendo-nos: *Vinde, comi o pão eu vos dou, e bebei o vinho que vos preparei* (Prov., IX, 5); esta é a divina lembrança que fez o Senhor de todas as suas maravilhas, dando-se em comida aos que temem (Psal. CX, 4); este é o pão nosso substancial que para cada dia nos manda pedir o Senhor como alimento da alma (Mat., VI, 11).

Pois *ainda há lugar* para muitos, para os negligentes que se retráem na sua freguesia, ou que raras vezes se aproximam para participarem deste convite; ainda há lugar para muitas crianças que já tem o uso da razão e que todavia não vieram receber o primeiro abraço de Jesus, que tanto ama as crianças; ainda há lugar para as almas devotas que devem pôr toda a devoção em unir-se com Jesus no Sacramento dos altares, primeiro que tudo.

Trazei-os a todos, depois de se purificarem nas águas da penitência e de se vestirem com o rico vestido das núpcias, que é graça santificante.

#### 3.— A ceia beatífica,

Por último, a ceia abundante e satisfatória, que fartará os desejos da alma, é o banquete celestial e eterno da glória: *Saciar-me-hei quando aparecer a tua glória*, dizia David (Psal. XVI, 15) *Bem-aventurado o que comer o pão no reino de Deus!* (Luc., XIV, 15).

Para todos há lugar ali, contanto que vamos pelo caminho dos mandamentos, único assinalado por Jesus Cristo (Mat., XIX, 17).

Eis a razão de ainda durar o mundo, apesar das suas maldades: tudo para tirar de entre os homens os dignos comensais do reino de Deus, até que se encha a sala do banquete (Apoc., VI, 10, 11). Sejamos dignos, e conduzamos quantos pudermos para que sejam felizes.

II.— E como havemos de ser apóstolos? Não nos faltarão meios para isso.

#### 1.— Com o exemplo.

Sejamos guias dos outros com o bom exemplo, pois ao mesmo tempo que trabalhamos para a nossa felicidade com as boas obras, abrimos o caminho para os nossos irmãos, porque as pregações do bom exemplo é mais eficaz do que a das boas palavras.

Assistamos aos sermões, vamos à Missa, recebamos com frequência os Sacramentos, e de tal modo brilhe deante de toda a nossa conduta exemplar, que os demais louvem o Pai celestial e se tornem dignos do seu serviço (Mat., V, 16).

#### 2.— Com a palavra.

Exortando, aconselhando, instruindo os outros, como o servo do Evangelho. Já sabeis que são mais excelentes as obras de misericórdia espirituais do que as corporais: ensinar ao que não sabe, dar bom conselho ao que precisa dele, corrigir o que erra, e ao mesmo tempo difundir as boas leituras, o jornal católico.

#### 3.— Com a associação.

Fazer parte da Congregação da doutrina cristã e do Apostolado da Oração, contribuir para a Obra da Santa Infância e das Missões, fomentar vocações para os Seminários e Ins-

titutos Religiosos. Já que não pertencemos à milicia sagrada da Igreja Católica, contribuamos para que os outros pertençam a ela.

Cristãos: vede como é benigno o Senhor que nos convida para as ceias e banquetes da alma. A ceia da verdade, a ceia eucarística, e a ceia da glória oferece-as o Senhor a quantos queiram participar delas. E não julgueis que são pequenas estas delicias, porque se ao corpo se proporcionam ceias esplêndidas e saborosas, muito melhores as terá o espirito. Tomemos parte nelas, e levemos a todos com o exemplo, a palavra e a obra nas associações, pois *ainda há lugar* para muitos...

## Calendário da Semana

JUNHO

- 18 Domingo. S. Efrém, C. D.
- 19 Segunda. Santa Juliana de Falconeri, Virgem.
- 20 Terça. B. Francisco Pacheco e Companheiros Mártires.
- 21 Quarta. S. Luís Gonzaga, Confessor.
- 22 Quinta. S. Paulino, Bispo, Confessor.
- 23 Sexta. S. Coração de Jesus.
- 24 Sábado. Nascimento de S. João Baptista.

## Os frutos...

«O Seculo» escrevia, em comemoração do primeiro de maio:

«Pode ás vezes ter-se a impressão de que das intervenções abruptas e violentas sai alguma coisa de forte e de definitivo. Ilusão, quasi sempre. Aos aparentes movimentos de avanço succedem-se os de recuo e a breve trecho as sociedades, que se pretendeu reformar a bomba e a tiro, regressam à posição muito mais afastada da civilização, do que aquelas que se pretendeu destruir.»

E exemplificava com a Espanha, onde, no seu dizer «desde que a República se implantou nesse país, as classes operárias, as densas camadas populares, os homens da officina e os servos da terra quasi não usufruíram ainda um dia de sossego.»

Não precisava «O Século» sair do nosso país, pois nele encontrava, exuberantemente demonstrado, que as revoluções só serviram para agravar os males, que os revolucionários diziam procurar corrigir.

## Uma republica catolica

Acaba de constituir-se, na Austria, uma forte organização, composta de altas individualidades politicas, com o propósito de organizar o estado sobre as bases da doutrina católica.

Para isso propõe-se «tornar forte a autoridade, alargar os poderes do presidente da Republica e separar nitidamente o poder legislativo do poder executivo» Procura na ordem social, «criar, á sombra da enciclica *Quadragesimo Anno*, possibilidades de trabalho, para todas as profissões e formar a juventude numa educação, ao mesmo tempo, cristã e moderna.»

A Igreja não é uma escola publica e social. Mas a sua doutrina dogmática e moral encerra preciosos ensinamentos e directivas dessa dupla ordem, e que estão consignados em memoráveis documentos pontificios. E' essa doutrina, que a Austria procura realizar, numa nova organica do Estado.

... Só lhes recordamos que a Austria é uma república.

# VARIÉDADES

## SONETO

As palavras de amor, que ora dizemos,  
outros também, como nós bem amantes,  
já as disseram, de nós muito em antes,  
e com a mesma paixão, mesmos extremos.

Mas, embora de tempos tão distantes  
tenham vindo até nós, inda podemos  
de nosso affecto os extasis supremos  
por meio dellas exprimir vibrantes.

As palavras de amor nunca se gastam  
antes se tornam cada vez mais fortes  
tais as lembranças que consigo arrastam.

Vão ficando embebidas, saturadas,  
na successão das vidas e das mortes,  
com todo o amor das gerações passadas.

Medeiros e Albuquerque

## Liberdade

Gema embora a terra inteira  
Acurvada a iníquas leis:  
Esta fronte sobranceira  
jamais de rojo a vereis.

Oh! ninguém, ninguém a esmaga,  
Que eu sou livre como a vaga  
Que sacode sobre a plaga  
O jugo d'altos baixéis.

Liberdade é o mote escrito  
No céu, na terra e no mar!  
Di-lo a fera em seu grito,  
E as aves cruzando o ar;

Di-lo o vento da procela,  
A vaga que se encapela,  
E nos espaços a estrela  
Em seu continuo girar.

E que importa que o tirano,  
jurando vingança atroz,  
Faça erguer, sorrindo ufano  
Um cutelo à sua voz?

Minha fronte sempre erguida  
Ha-de encará-lo atievida,  
E só cair abatida  
Ao rolar dos pés do algoz.

A. A. Soares dos Passos.

## Qual o homem mais...

Austero? — *Severo.*  
Propício? — *Próspero.*  
Tranquilo? — *Plácido.*  
Elevado? — *Celso.*  
Magestoso? — *Augusto.*  
Rústico? — *Silvestre.*  
Agreste? — *Silvano.*  
Papalvo? — *Panacrio.*  
Cortez? — *Urbano.*  
Ingénuo? — *Candido.*

## Secção charadística

### CHARADAS

#### EM VERSO

Os teus olhos sedutores  
Tem o dom de fascinar,  
E' pena serem traidores  
Os teus olhos sedutores.  
Motivam, "mulher" mil dores—2  
A quem por elles se enlevar;  
Os teus olhos sedutores  
Tem o dom de fascinar.

E's volúvel como o vento,  
Muito soberba e orgulhosa;  
Esqueceste o juramento,  
E's volúvel como o vento;  
Mas vê, "mulher" num momento,  
Podes tombar como a rosa;  
E's volúvel como o vento,  
Muito soberba e orgulhosa.

Repara bem no que vales  
E depois que valerás,  
Embora mui alto fales  
Repara bem no que vales.  
Atraz dos bens vem os males  
E qual *moéda*, descerás;  
Repara o que hoje vales  
E depois que valerás.

Lebricho

## EM FRASE

Não me entra na cabeça que a *doença das gallinhas*, actua sobre o *aparelho biliar*.—2-2.  
Vêda aos animais a *planta purgativa*—3-3.

H. Raio

O *menino*, aqui, p'ra nós tem propensão para o *jogo*—2-1.

Quem *padece* procuro onde ser *curado*.—2-1.

H. Pita

## SINCOPADAS

(por sílabas)

3—Se me provas que o *trovisco*  
Não é o que diz a *ruça*;  
Fica sabendo, Francisco,  
Que dou-te uma *carapuça*.—2.

Nuno 4.

3—Dizem que este *animal* é um *cão*.—2.  
3—E quem cuidar do referido *animal*, é de esperar *adquirir* resultado.—2.

Madre Helena

## ELÉTRICA

(por letras)

Se fizer mui grande empenho  
Em a *arrada* encontrar,  
Apenas esta decifre  
Com ela vai deparar.—4

Agar Ramos

## AUMENTATIVA

Vindimador que sabeis,  
Que *traça as varas goreiras*,  
Merece *quatorze reis*  
Por cada par de videiras

Miss Iva

## ENIGMA

Anda o lobo atraz da loba  
Por causa d'um bolo em meio,  
E julgando a loba bôda  
Procura o lobo um rodeio  
P'ra tomar-lho quando á beira  
D'esta planta brasileira.

Lebricho

## Pergunta enigmática

Qual a menor quantia que um homem pode ter em contos?

Nuna 5.<sup>a</sup>

## DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Quem *canta* seu mal espanta,  
Diz-nos o *bardo* a cantar;  
Ao *pé* de cantiga tanta  
Não há quem possa chorar.

Lebricho

## ENIGMA TIPOGRAFICO



(Frasede 18 letras)

As decifrações dos trabalhos publicados no número 23, são: Livrentemente, Astroso, Paróchia, Estafermo, Estafador, Rabeca rabeco, Chinchá-chinchão, Gradual-graal, Petisca-peca, Lipera-lira, Alfarelos e Nunca se esqueça de mim.

Lebricho.

## Morre na China o homem mais velho do mundo

O Sr. Liching Iun, conhecem? Nós também não. Mas dizem-nos que é um cidadão chinês, que vivia em Kiah Sien e acaba de dar a alma ao criador.

E que têm de extraordinário o Sr. Liching Iun?

Que tem? Apenas isto: contava quando Deus o chamou, a linda idade de 256 risnhas primavéras.

Não sei se leem bem: 256 anos. Mais de dois séculos e meio. E dissémos 256 primavéras, porque o homem, pelo que dizem, tinha ainda um aspecto de frescura, que escondia completamente o número dos anos que vivera.

Agricultor, passou a vida no campo e trabalhava ainda com desembaraço e rapidez. Era o homem mais velho do mundo inteiro.

Deixa apenas... 70 netos.

Se tiver vivido segundo a lei de Deus, que grande tesouro de graças e méritos para a eternidade.

Que final o que conta na vida não são os anos mas a bondade.

## LIBERDADE... LIBERAL

Um religioso Carmelita propoz fazer, na igreja de S. Nicolau, em Oórdova, uma serie de sermões sobre a doutrina social da Igreja

O exito foi extraordinario. Os operários invadiram o templo. A concorrência cresceu de tal forma, que foi mister colocar alto falantes, na praça fronteira á igreja. O entusiasmo da assistência foi tal, que o orador foi varias vezes vitoriado, com aclamações e palmas apoteóticas. Nessas manifestações entravam numerosos operários comunistas, que se sentiam desiludidos dos erros, que perfilhavam.

Pois sabem o que fez a autoridade de Cordova? Proibiu os alto-falantes na praça e receosa de que a voz do pregador podesse ainda ser ouvida por algum mais desejoso do conhecer a verdade, impediu que os operários permanecessem no exterior da igreja, enquanto o padre falava. A violencia foi tão dura, que as proprias associações socialistas mandaram ao alcaide da cidade, um violento protesto.

O conceito da liberdade de todos os demagogos, que, perante as massas, accusam a Igreja de inimiga do povo, é este.

Mas do excesso do mal vem muitas vezes a cura.

E' o que se está dando com o operário de Espanha.



Um freguez mandou pôr meias solas, fornecendo a sola ao sapateiro.

— Quanto é o trabalho mestre?

— Dez escudos, meu amigo.

— Então d'antes levava seis e agora cobra dez?

— E' que... por causa da guerra, está a sola mais cara.

Em um baile particular.

— Como está decotada a Carlotinha!

— Então? O marido dá-lhe uma mesada tão pequena, que nem chega para ela se vestir.

Rego Barreto, almoxarife e juiz dos direitos da mesma vila, e de sua mulher D. Ana (ou Mecia) Fer az. Vivendo durante muitos anos com os duques de Bragança em Vila Viçosa, ali casou com D. Maria Tavares a quem a duquesa D. Catarina, sua tia, deu, como presente de nupcias, um bom dote e a comenda de S.ta Olaya, na Ordem de Cristo.

Gaspar de Goes do Rego foi, por successão a seus paes, senhor da Casa de Merece, na freguezia de S. Pedro do Calvelo, da antiga Comarca de Barcelos, e do morgado de Goes, em S.ta Eugenia de Rio Covo, do actual concelho de Barcelos.

A casa em que nasceu e habitou em Barcelos, ainda existe nesta vila, no largo do Apoio: é a que pertence actualmente ás Sr.as Filipas e faz esquina para as ruas do Visconde de Leiria e da Esperança ou travessa do Apoio.

A confirmar o que dissemos, lá está sobre a porta principal da referida casa—modesta e illustre ao mesmo tempo—o brasão dos Regos, que era de seus maiores.

E do exposto se vê quanta razão tinha o nosso grande e inimitável Camilo, quando disse, não sei onde:—*«os que desprezam os manuscritos genealogicos atiram ora o melhor oiro da historia civil, politica e religiosa da sua terra».*

Fra Casil

## As obras da Franqueira

Há apróximadamente duas semanas que a digna Comissão Administrativa da Confraria de N.ª S.ª da Franqueira, mandou iniciar as obras de aformoseamento do Monte.

De facto lá têm andado uma dezena de trabalhadores a trabalharem debaixo da orientação indicada por dois distinctos engenheiros do Porto.

No domingo da semana finda estes senhores engenheiros lá estiveram reunidos com aquela Comissão a tratarem das grandes obras que se tentam fazer durante este verão e para o que se conta com um valioso e avultado auxilio do governo, que por intermédio do Ex.mo Sr. Governador Civil Dr. Matos Graça, é concedido para tal fim.

Oxalá isto se não faça demorar para que, aproveitando-se o bom tempo, alguma coisa mais fique feita este ano, se bem que este ano já alguma coisa se tenha por lá feito.

Muitos e muitos aplausos merece a Comissão da Confraria de N.ª Senhora da Franqueira pelos seus incansáveis esforços em prol d'aquella grandiosissima obra.

Carvalho, 13-6-1933

Baptisou-se no preterito domingo, uma criança filha de Adeli-na da Costa Longras, que recebeu o nome de Gloria.

—O vinho continua nas adegas à espera de comprador; o lavrador bem anda de chapéu na mão a pedir aos merceeiros para que lhes gaste o vinho, mas nem assim vai: eu sei como eles mudariam de attitude, era o lavrador só comprar o arroz e bacalhau e outros generos a quem lhes comprasse o vinho.

Tudo indica que a proxima colheita será abundantissima: o peor é se o lavrador te á que o beber quasi todo.

—O nosso Rev.º pároco, que por aqui se demora alguns dias ainda, aguarda apenas a chegada do novo pároco, a quem serão confiados os destinos desta importante freguesia.

—Foi aqui muito sentida a morte do Rev.º João Forte no dia 11 do corrente, muito digno pároco de S. Pedro de Vila Freixozinha. Venerado pelos seus paróquianos pela sua dedicação inexcedível, muito servicial e sempre de bom humôr contava numerosos amigos nesta freguesia, onde nunca faltava a serviço algum.

Deus tenha em bom lugar a sua alma de eleição!

## RECORDANDO O PASSADO

19 de Agosto de 1572

El-Rei D. Sebastião eleva à categoria de vila o lugar de Esposende do julgado do Neiva, apartando-o de qualquer sugeição a Barcelos.

\*\*\*

11 de Agosto de 1634

O ordinário confirma os estatutos da irmandade clerical das Almas erecta na antiga Capela do Espirito Santo, que ficava onde hoje é o jardim público e que d'ele passou para S. José.

\*\*\*

22 de Agosto de 1649

Lança-se a 1.ª pedra para a fundação do Convento dos Capuchos da vila de Barcelos, havendo procissão solene com danças ordenadas pelos moradores.

\*\*\*

31 de Agosto de 1649

A Câmara de Barcelos faz convite aos lavradores dentro de uma légua em circuito da vila para, com bois e carros, trazerem a pedra necessária para construir o Convento de N.ª S.ª da Conceição fundado em 22 deste mês. Hoje está servindo para o Hospital da Misericórdia.

\*\*\*

24 de Outubro de 1670

D. Catarina Ramires de Faria, consente na mudança do altar de S. Francisco de junto do pilar para a Capela da Encarnação, que então havia na colegiada, onde se vê a porta travessa virada ao paço dos duques de Barcelos.

\*\*\*

14 de Agosto de 1707

D. Rodrigo de Moreira Teles, Arcebispo Primaz, lança a 1.ª pedra para a fundação do Mosteiro de S. Bento de Barcelos

\*\*\*

4 de Setembro de 1710

Lança-se a primeira pedra para a fundação das capelas dos Santos Passos do Redentor, que estão na subida para o Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira.

## PORTUGAL

## E BRAZIL

### SÁ VIANA E OLAVO BILAC

I

#### A FERNANDO DE SÁ VIANA (1)

Como a flor secular, sombria,  
Virgem do passo humano e o machado  
Nunca entrou, onde ruge e ecôa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim também, da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado  
Numa attitude austeramente fria.

Hoje gorgoeja a estridula e sonóra  
Canção das aves nos suspensos ninhos...  
Doura os cimos das árvores a auróra...

Abrem-se flores, alam-se carinhos  
E o sol do amor, que não entrava outr'ora  
Entra, prateando a areia dos caminhos.

OLAVO BILAC.

II

### À memória de Olavo Bilac (2)

(NO ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE)

Olavo Braz dos Guimarães Bilac,  
Seu nome é, por si só, um verso alexandrino:  
E foi ele de facto um poeta peregrino,  
Que brilha em nossa história em fulgido destaque.

Pelo mundo passou, amando e sendo amado,  
Da vida encheu de arôma a inhóspita deveza:  
Pelos seus versos d'oiro um dia foi sagrado  
O cantor imortal da carne e da beleza.

As musas viram nele o príncipe do verso,  
E Apólo confirmou com seu sôpro divino;  
E por isso, em seu nome, ele trouxe do berço,  
A cadência, sem par, do verso alexandrino...

Morto, a sua memória ainda permanece,  
Tão vivida, tão forte em nossos corações,  
Que dos seus lindos versos ninguém mais se esquece,  
Ninguém se esquece mais das suas lindas caeções!

DILERMANDO CRUZ.

(1) Nasceu em Barcelos aos 31 de Julho de 1881 e foi covardamente assassinado no Rio de Janeiro em outubro de 1893.

(2) É natural do Rio de Janeiro, onde também faleceu em 1891.